



OS CAMPOS DE EXTERMÍNIO DA DESIGUALDADE*

GÖRAN THERBORN

TRADUÇÃO DE FERNANDO RUGITSKY

RESUMO

A desigualdade pode ser produzida de quatro formas básicas. Primeiro, há o *distanciamento* — algumas pessoas estão correndo à frente e/ou outros estão ficando para trás. Segundo, há o mecanismo de *exclusão*, por meio do qual uma barreira é erguida tornando impossível, ou pelo menos mais difícil, para certas categorias de pessoas alcançarem uma vida boa. Terceiro, as instituições da *hierarquia* significam que as sociedades e as organizações são constituídas como escadas, com algumas pessoas empoleiradas em cima e outras embaixo. Por fim, há a *exploração*, por meio da qual as riquezas dos ricos derivam do trabalho árduo e da subjugação dos pobres e desfavorecidos. Neste artigo, examinaremos as maneiras pelas quais as desigualdades correntes estão sendo produzidas.

PALAVRAS-CHAVE: *Desigualdade; distanciamento; exclusão; hierarquia; exploração.*

ABSTRACT

Inequality can be produced in four basic ways. First there is *distantiation* — some people are running ahead and/or others falling behind. Secondly there is the mechanism of *exclusion* — through which a barrier is erected making it impossible, or at least more difficult, for certain categories of people to access a good life. Thirdly, the institutions of *hierarchy* mean that societies and organisations are constituted as ladders, with some people perched on top and others below. Finally, there is *exploitation*, in which the riches of the rich derive from the toil and the subjection of the poor and the disadvantage. In this article, we shall look into the ways in which current inequalities are being produced.

KEYWORDS: *Inequality; distantiation; exclusion; hierarchy; exploitation.*

[*] Publicado originalmente na revista *Soundings*, 2009, nº 42.

Existem três formas principais de distinguir diferença e desigualdade. Primeiro, uma diferença pode ser horizontal, sem que nada ou ninguém esteja acima ou abaixo, seja melhor ou pior, enquanto uma desigualdade é sempre vertical, ou envolve *ranking*. Em segundo lugar, diferenças são apenas questão de gosto e/ou de categorização. Uma desigualdade, por sua vez, não é apenas uma categorização; é algo que viola uma norma moral de igualdade entre seres humanos. (Alegar isto não significa pressupor qualquer norma de completa igualdade, mas apenas apontar para uma diferença que é grande demais e/ou assume uma direção injusta, isto é, pessoas erradas recebendo as melhores recompensas.) Em terceiro, para uma diferença tornar-se uma desigualdade ela deve também ser extingüível. A maior destreza física do indivíduo jovem médio, em comparação com a do sexagenário médio,

não é uma desigualdade. Mas as diferentes oportunidades de vida das mulheres em comparação com os homens, dos negros filhos de trabalhadores em comparação com brancos filhos de banqueiros, passaram a ser vistas como desigualdades. Em uma sentença: desigualdades são diferenças hierárquicas, evitáveis e moralmente injustificadas.

Há pelo menos três tipos fundamentalmente distintos de desigualdade, e todos eles são destrutivos para as vidas humanas e para as sociedades.

Existe a desigualdade de saúde e morte, a qual podemos denominar *desigualdade vital*. É verdade que somos todos mortais e fisicamente vulneráveis e que, de alguma forma, nossa árvore da vida é decidida por alguma loteria inescrutável. Contudo, acumulam-se evidências robustas de que a saúde e a longevidade são distribuídas segundo padrões sociais facilmente identificáveis. Nos países e classes pobres, as crianças morrem mais freqüentemente antes de fazer 1 ano, e entre 1 e 5 anos, do que nos países e classes ricas. As pessoas em posição social inferior, no Reino Unido, por exemplo, morrem com mais freqüência antes da idade de aposentadoria do que as pessoas em posição social superior e, se sobrevivem, têm vidas mais curtas na aposentadoria. Um bancário ou funcionário de seguradora britânico aposentado, por exemplo, pode esperar sete ou oito anos de aposentadoria a mais do que um funcionário aposentado da Whitbread ou da Tesco¹. A desigualdade vital, que pode ser medida de maneira relativamente fácil por meio da expectativa de vida e taxas de sobrevivência, está literalmente destruindo milhões de vidas humanas todos os anos no mundo.

[1] *Financial Times*, 20-21/10/2007.

A *desigualdade existencial* atinge você como pessoa. Ela restringe a liberdade de ação de certas categorias de pessoas; por exemplo, das mulheres nos espaços e nas esferas públicas da Inglaterra vitoriana e eduardiana e, em alguns países, ainda hoje. Desigualdade existencial significa a negação de (igual) reconhecimento e respeito, e é um forte gerador de humilhações para os negros, (amer-)índios, mulheres em sociedades patriarcais, imigrantes pobres, membros de castas inferiores e grupos étnicos estigmatizados. Ela não assume, vale lembrar, apenas a forma de discriminação ostensiva, mas também opera de modo eficaz através de hierarquias de *status* mais sutis.

Em terceiro lugar, há a *desigualdade material* ou de recursos, que significa que os atores humanos contam com recursos muito distintos. Podemos distinguir dois aspectos a esse respeito. A desigualdade de acesso à educação, à carreira e aos contatos sociais, ou seja ao “capital social”. Nas discussões convencionais, este aspecto é geralmente referido como “desigualdade de oportunidades”. A desigualdade de *recompensa*, comumente denominada desigualdade de resultado. Esta é a medida de desigualdade mais freqüentemente utilizada — a distribuição da renda e, às vezes, também da riqueza.

Esses três tipos de desigualdade interagem e influenciam uns aos outros. Mas é útil distingui-los porque, assim como eles têm efeitos diversos sobre as pessoas, apresentam trajetórias variadas em períodos distintos, isto é, são determinados por mecanismos causais diferentes.

A desigualdade pode ser produzida de quatro formas básicas. Primeiro, há o *distanciamento* — algumas pessoas estão correndo à frente e/ou outros estão ficando para trás. Segundo, há o mecanismo de *exclusão* — através do qual uma barreira é erguida tornando impossível, ou pelo menos mais difícil, para certas categorias de pessoas alcançarem uma vida boa. Terceiro, as instituições da *hierarquia* significam que as sociedades e as organizações são constituídas como escadas, com algumas pessoas empoleiradas em cima e outras embaixo. Por fim, há a *exploração*, por meio da qual as riquezas dos ricos derivam do trabalho árduo e da subjugação dos pobres e desfavorecidos.

A importância histórica desses mecanismos para a origem da configuração do mundo moderno é calorosamente discutida. As desigualdades atuais são principalmente produto da tomada de dianteira das nações do Atlântico Norte no que concerne às inovações científicas e industriais? Ou serão elas, na realidade, um efeito da exclusão — por exemplo, do fato de que o império britânico impediu a indústria indiana de se desenvolver? O “sistema-mundo moderno” criou depois de 1500 uma hierarquia mundial baseada em centro, semiperiferia e periferia? Ou a ascensão do Ocidente foi principalmente conduzida pela exploração armada, pela pilhagem dos metais americanos, pela escravidão na *plantation* e pela produção forçada e mal paga de bens primários pelo Sul? O debate segue inacabado, tanto por causa da ambigüidade das evidências — há sustentação empírica para todos os quatro mecanismos, mas é difícil determinar o peso relativo deles —, como por causa dos elevados interesses morais e históricos envolvidos. Neste artigo, entretanto, examinaremos as maneiras pelas quais as desigualdades correntes estão sendo produzidas.

EXPLORAÇÃO

A exploração não é a causa direta no caso da desigualdade vital — a saúde dos saudáveis não depende da doença e da morte dos outros. Mas há uma rota claramente discernível que vai da exploração dos trabalhadores em empregos arriscados e insalubres, em busca dos lucros, à desigualdade de saúde e de expectativa de vida. Por exemplo: a mineração na África do Sul, na China e na Ucrânia e, de modo geral, o trabalho fabril nas “Zonas Econômicas Especiais” de todo o mundo são famosos pelos efeitos deletérios que têm sobre a vida e a saúde.

Mas isto é apenas uma parte do problema. Os homens chineses têm a mesma expectativa de vida que os poloneses e vivem oito anos a mais do que os indianos, que são menos industrializados.

A desigualdade existencial na forma do patriarcado explorador está passando por um recuo radical nas últimas três décadas no mundo todo, mesmo se ocasionalmente se revigora, como no Afeganistão, desde o surgimento da jihad anticomunista na década de 1980. Mas, por exemplo, a noção segundo a qual a honra de um homem depende da subordinação e da reclusão de suas irmãs, esposa (ou esposas), filhas e mãe, oriunda do Oriente Médio, e muito forte na Chechênia, no Curdistão e no Afeganistão, permanece como causa desta forma de desigualdade para muitas pessoas.

Aos que não estão convencidos da teoria do valor-trabalho, é difícil dizer quanta desigualdade econômica é devida à exploração capitalista. O aumento drástico da desigualdade de renda na China recentemente, agora muito maior do que na Índia ou na Rússia, está clara e significativamente relacionado com a utilização capitalista de mão-de-obra barata. Mas a disparidade crescente entre a África e o restante do mundo não é causada por uma exploração cada vez maior da África. Tampouco a disparidade crescente entre ricos e pobres nos Estados Unidos e no Reino Unido pode ser atribuída à exploração cada vez maior dos trabalhadores, ainda que o ingresso em massa de mão-de-obra imigrante barata nos Estados Unidos tenha criado um mercado de trabalho polarizado, incluindo o retorno de uma classe de “empregados domésticos”, ou “classe de serviços”, que serve à chamada “classe criativa”.

A exploração — forma mais repulsiva de geração de desigualdade — pode então ser vista como um condutor significativo da desigualdade no mundo contemporâneo, mas não é a força principal.

HIERARQUIA

A hierarquia ostensiva tem sido alvo de ataque por gurus da administração há algum tempo, e muitas organizações foram “horizontalizadas”. Historicamente, os direitos dos subordinados têm sido fortalecidos, incluindo direitos de representação coletiva, na administração pública e privada da Europa continental e em estabelecimentos educacionais de maneira mais ampla. Contra esta tendência, os poderes compensatórios dos sindicatos estão em geral declinando.

O ponto principal, entretanto, é que, mesmo quando as pirâmides organizacionais são achatadas, as organizações e as sociedades como um todo continuam atravessadas por hierarquias sutis de *status* social. Mediante a alocação desigual de reconhecimento e respeito, a existência de diferentes graus de liberdade de agir e os efeitos



das hierarquias de auto-respeito e autoconfiança, as hierarquias de *status* social parecem ser uma importante razão subjacente para as desigualdades persistentes de saúde e expectativa de vida. Hierarquias sociais produzem desigualdade existencial, o que, por sua vez, tem sérias conseqüências psicossomáticas.

Embora tenha ocorrido, ao longo do século XX, um substancial nivelamento de renda em países como o Reino Unido, as diferenças de expectativa de vida entre as classes se ampliaram, particularmente entre os homens. Em 1910-1912, um trabalhador manual não-qualificado da Inglaterra e do País de Gales tinha um risco 61% maior de morrer entre os 20 e os 44 anos do que um profissional qualificado. Em 1991-1993, o risco extra de morte adulta prematura subiu para 186%. Para um trabalhador semiquualificado o risco extra de mortalidade era 6% antes da Primeira Guerra Mundial e 76% no começo dos anos de 1990². A evidência mais robusta para os efeitos letais das hierarquias de *status* é provavelmente o estudo de Michael Marmot acerca de 18 mil servidores públicos em Whitehall³. Neste grupo de trabalhadores o risco de morte prematura segue rigorosamente a hierarquia da administração. Durante os 25 anos do estudo — controlando-se idade, fumo, pressão sangüínea, concentração de colesterol e alguns outros fatores desse tipo —, doenças cardíacas mataram 50% mais pessoas pertencentes aos estratos inferiores do que aquelas oriundas de estratos superiores⁴.

[2] Calculado a partir de Fitzpatrick, R. e Charandola, T. "Health". In: Halsey, A. H. e Webb, J. (orgs.). *Twentieth-Century British social trends*. Londres: Macmillan, 2000, Tabela 3.8.

[3] Marmot, M. *The status syndrome*. Londres: Bloomsbury, 2004.

[4] *Ibidem*, p. 45.

EXCLUSÃO

As barreiras de exclusão foram em geral reduzidas no mundo nos últimos cinquenta anos, embora também neste caso o quadro seja complexo. A exclusão das mulheres do espaço público, do mercado de trabalho e dos caminhos de ascensão profissional diminuiu em muitas partes do mundo. O racismo tornou-se amplamente desacreditado; e o desmantelamento do *apartheid* sul-africano, assim como a eleição de um primeiro-ministro *dalit* na Índia e de um presidente afro-americano nos Estados Unidos são marcos importantes. As "nações originárias" das Américas estão finalmente sendo incluídas nas comunidades políticas nacionais, incluindo a recente vitória que significou a conquista da centralidade, democraticamente merecida, na Bolívia. O retorno no fim do século XX às imigrações em massa de cem anos antes também significa mais inclusão. E a recuperação da soberania nacional após a Segunda Guerra Mundial encerrou a exclusão da China e da Índia da possibilidade de desenvolvimento. Entre 1913 e 1950, a taxa de crescimento econômico na China e na Índia foi de aproximadamente zero. Mas, entre 1950 e 1973, o crescimento chinês foi de 4,9% ao ano e o indiano, de 3,5%⁵. Nas décadas recentes, o aces-

[5] Maddison, A. *Contours of the world economy*. Oxford: Oxford University Press, 2007, Tabela A5.



so ao mercado dos Estados Unidos tem sido um importante motor do crescimento do Leste Asiático e do nivelamento global.

No entanto, ainda que diminuída, a exclusão permanece sendo um aspecto central do mundo contemporâneo, dividido como é em Estados-nação exclusivos, cada um com direitos específicos apenas para os seus cidadãos. Existem também outros processos excludentes em curso, incluindo formas difusas de protecionismo comercial, como, por exemplo, o protecionismo do algodão norte-americano, que afeta países pobres da savana africana. Na crise atual, embora haja um tabu oficial sobre o protecionismo, o exclusivismo nacional tem ficado mais marcante, como nas campanhas que pregam “Empregos britânicos para trabalhadores britânicos” e “Compre produtos americanos” [*Buy American*].

DISTANCIAMENTO

Quando se trata da produção de desigualdade via distanciamento, estamos em face de um paradoxo do nosso tempo. Em um sentido territorial, as distâncias encolheram enormemente. A comunicação eletrônica e a transmissão via satélite tornam possível ao mundo todo assistir às Olimpíadas ou à posse de Obama ao mesmo tempo, e possibilita que amigos, digamos, na China e na Argentina ou em Moçambique e no Canadá falem entre si pelo telefone. Por e-mail é possível comunicar-se com colegas na Itália (o que era praticamente impossível através do correio pré-eletrônico italiano) assim como em Bangladesh. Distâncias existenciais, entre “raças” e etnias, e entre homens e mulheres, também diminuíram. Mas as distâncias vitais e de renda estão aumentando entre partes diferentes do mundo e dentro de muitos países.

Na primeira metade da década de 1970, a diferença de expectativa de vida no nascimento entre a África subsaariana e os países de renda alta era de 25,5 anos; trinta anos depois, passou para 30 anos⁶. No Reino Unido, a disparidade de expectativa de vida entre ricos e pobres tem aumentado 0,15 anos, anualmente, desde a década de 1980⁷. Dentro da área metropolitana de Glasgow, a disparidade entre homens em Calton e em Lenzie é de 28 anos, maior do que aquela entre o Reino Unido e a África na década anterior. Os habitantes de Glasgow que moram em Calton têm uma expectativa de vida mais curta que os aborígenes australianos⁸. A Rússia capitalista e o restante da antiga União Soviética também estão ficando para trás em expectativa de vida. No começo dos anos de 1970 — período da “estagnação” comunista —, a disparidade de expectativa de vida em relação aos países de renda alta era de 2,5 anos; atualmente, está em 15 anos⁹.

Em 1973, o PIB per capita da África subsaariana representava aproximadamente 8% do PIB per capita da América. Em 2005, ele havia

[6] UNDP. “Human development report 2007/8”. Genebra, 2007, Tabela 10.

[7] Estudo conjunto das Universidades de Bristol e Sheffield, relatado no *BBC News*, 29/4/2005.

[8] Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde, OMS. *Closing the gap in a generation*. Genebra: OMS, 2008, Tabela 2.1; Marmot, “Social determinants of health inequalities”. *Lancet*, 2005, vol. 365, nº 9464, pp. 1099-104.

[9] UNDP, op. cit., Tabela 10.

[10] Maddison, op. cit., Tabela A5; UNDP, op. cit., Tabela 14.

[11] Piketty, T. "Top incomes over the Twentieth Century: a summary of main findings". In: Atkinson, A. B. e Piketty, T. (orgs.), *Top incomes over the Twentieth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 12.

[12] Office for National Statistics. "Survey of personal incomes 2006-2007", atualizado em dez. 2008, Tabela 3.1.

[13] Para dados históricos, ver Maddison, op. cit., Tabela 5.9b; sobre remuneração de executivos, ver IDS. "Directors' pay report 2008", <www.incomesdata.co.uk>; sobre renda média, ver ONS e Dobbs, C. "Patterns of pay: results of the Annual Survey of Hours and Earnings 1997 to 2008". *Economic & Labour Market Review*, 2009, vol. 3, n° 3, pp. 24-32. Por imparcialidade, deve ser acrescentado que em 1688 o topo do topo, os lordes temporais, apropriava-se de uma renda 400 vezes maior que a dos trabalhadores.

[14] Disponível em <www.forbes.com/forbes/2009>, acessado em 12/3/2009.

caído para 5% (medido em termos de poder de compra doméstico)¹⁰. Nos Estados Unidos, a parcela do total da renda das famílias apropriada pelo 1% mais rico da população era de 8% em 1980 e de 17% em 2000. No Reino Unido, o 1% mais rico recebia 6% de toda a renda em 1980 e passaram a receber 12,5% em 2000¹¹; e a renda líquida de impostos daqueles no 9º percentil era 10,2 vezes maior do que aquela das pessoas no 10º percentil em 1997-1998, mas 12,8 vezes maior em 2006-2007¹².

A disparidade da renda entre os que se encontram no topo da pirâmide social e o trabalhador médio é hoje muito maior do que era no período pré-moderno. Em 1688, baronetes ingleses tinham uma renda anual aproximadamente 100 vezes maior do que a de trabalhadores e empregados domésticos, e 230 vezes maior do que a de trabalhadores rurais e pobres. Em 2007-2008, os principais executivos das cem maiores companhias da Financial Times Stock Exchange [FTSE] receberam uma remuneração 141 vezes maior do que a renda média de todos os trabalhadores em tempo integral do Reino Unido, e 236 vezes maior do que a renda média das pessoas em "ocupações de vendas e serviços ao consumidor"¹³.

Outro ângulo a partir do qual é possível observar a nova distância econômica é a atual distribuição de riqueza mundial. Em março de 2008, antes de a bolha explodir, a revista *Forbes* listou 1.125 bilionários no mundo. Juntos, eles detinham 4,4 trilhões de dólares. Isso era quase a renda nacional total de 128 milhões de japoneses ou um terço daquela de 302 milhões de norte-americanos. Em março de 2009, o número de bilionários decresceu para 793, detendo apenas 2,4 trilhões de dólares — mas isso é ainda igual à renda nacional da França¹⁴.

O distanciamento é o principal caminho de aumento da desigualdade hoje. É o mais sutil dos mecanismos, o mais difícil de combater moral e politicamente. Embora seus efeitos sejam muito visíveis no consumo ostentoso, ele opera de maneira mais clandestina do que por princípios atacáveis ou violações explícitas dos direitos humanos. Mas o distanciamento é um mecanismo ou um canal da desigualdade; não é uma força causal. Então, o que o conduz? (Deve ser sublinhado neste ponto que o distanciamento é, muito raramente, produto do trabalho extremamente intenso ou do mérito singular; ele resulta sobretudo de janelas de oportunidade e redes de contato ou, inversamente, de desvantagens predeterminadas e isolamento social.)

Uma razão para o crescimento da distância em desigualdade vital ao redor do mundo é que alguns países ficaram para trás. A África subsaariana viu sua expectativa de vida cair por causa da Aids, a qual, por razões ainda não totalmente claras, atingiu a África de forma mais grave do que qualquer outra área do planeta. A Rússia e a antiga União Soviética, por outro lado, são vítimas de uma restauração implacável do

capitalismo, que causou desemprego em massa, insegurança econômica, empobrecimento e humilhação existencial. Michael Marmot estimou o número de mortes causado pela restauração capitalista na Rússia na década de 1990 em cerca de quatro milhões de pessoas¹⁵. Em países ricos como o Reino Unido, a disparidade crescente da expectativa de vida parece ser mais resultado do avanço dos privilegiados, talvez por estarem mais abertos a campanhas por um modo de vida saudável e do que sob a pressão do estresse existencial. Deve ser levado em consideração, contudo, que o estudo de Marmot sobre Whitehall mostrou que, controlando os dados para fumo, colesterol e outros indicadores de “modo de vida”, a correlação entre *status* baixo e morte prematura manteve-se.

O crescimento global da disparidade de renda é, mais uma vez, um efeito de a África estar ficando para trás do ponto de vista social e econômico. Mas neste caso as razões são mais obscuras e contestadas do que no caso da mortalidade. O continente é politicamente fragmentado e mal conectado, da perspectiva logística, e é muito dependente dos mercados internacionais de produtos primários, que estão fora do seu controle; e a ruptura de suas tradições políticas por divisões-coloniais-tornadas-Estados-nação foi o ponto de partida dos casos freqüentes de comunidades políticas nacionais disfuncionais, em muitas circunstâncias agravados pela Guerra Fria e por intervenções de “ajuste estrutural”. O empobrecimento da antiga União Soviética e as décadas de crise da América Latina, no final do século XX, também contribuíram para a distância crescente dos níveis de renda ao redor do globo.

Em contrapartida, a crescente disparidade nas rendas intranacionais é conduzida principalmente pelos países ricos — embora nos Estados Unidos (mas não no Reino Unido, pelo menos até os anos 2006-2007 e 2007-2008, quando o capitalismo britânico também empobreceu os pobres¹⁶) a elevação das rendas mais altas na última década foi também acompanhada por um declínio lento da renda dos 20% mais pobres da população. O fato de ser o topo que está tomando a dianteira, em vez de serem os pobres que estão ficando para trás, significa que a competição de países de mão-de-obra barata é um componente secundário da disparidade. É curioso que a inversão de rumo na desigualdade de renda seja principalmente um fenômeno anglo-saxão, mais pronunciado nos Estados Unidos, mas também marcante no Canadá, no Reino Unido, na Austrália e na Nova Zelândia. Não pode ser descrito como uma consequência dos tempos modernos, uma vez que não tem sido uma tendência na Alemanha, na França, na Holanda e na Suíça¹⁷.

O que conduziu o enorme alargamento das distâncias econômicas entre as pessoas nas últimas décadas? Parece haver dois processos principais em curso.

[15] Marmot, *The status syndrome*, op. cit., p. 196.

[16] Department for Work and Pensions. “Households below average income report”, release, 7 maio 2009.

[17] Atkinson e Piketty, op. cit.

Um é a extensão dos mercados solventes, que tem ampliado tanto a reserva de remunerações como a competição por “estrelas talentosas”. Uma pequena elite empresarial foi catapultada para cima, surfando nas bolsas de valores em ebulição, sustentadas pelo relaxamento nos anos de 1980 dos controles sobre movimento de capitais e pela expansão do investimento transnacional, e lucrando com a emergência de um mercado global de executivos e profissionais. Fenômeno semelhante ocorreu nos esportes e na área de entretenimentos (algo que é cada vez mais discutido nas apologias da desigualdade); a televisão comercial e a transmissão via satélite transformaram a economia dos esportes e dos entretenimentos em geral, enquanto audiências imensamente expandidas ampliaram a visibilidade e a atratividade de estrelas, aumentaram os fundos para remunerações e ampliaram os lucros. O capitalismo do entretenimento e o estrelato alimentam um ao outro simbioticamente.

O segundo fator foi a tendência em direção à crescente autonomia do capitalismo financeiro em relação ao que se denomina “economia real”, um processo particularmente acentuado em Wall Street e na City¹⁸, e em seus outros emuladores anglo-saxões. Nos últimos dez anos, isto transformou as finanças capitalistas em um cassino gigantesco, que negocia moedas, “títulos” e “derivativos”. A quantidade de dinheiro nominal envolvida tornou-se astronômica. No início de março de 2009, o Banco de Desenvolvimento Asiático estimou que na crise atual o valor dos ativos financeiros no mundo caiu 50 trilhões de dólares — que é uma quantia igual ao valor total do produto mundial de 2007¹⁹. Enquanto o balão estava subindo, os perdedores eram poucos e, a não ser que o indivíduo fosse pego fazendo algo completamente ilegal, ele poderia ter certeza de que seria generosamente recompensado mesmo se perdesse. A cultura do bônus recompensava a expansão imediata e ignorava a preocupação com perdas posteriores.

É digno de nota que nos Estados Unidos e no Reino Unido, ao passo que as finanças estavam se distanciando do resto da economia, elas estavam simultaneamente aproximando-se da política à esquerda do centro (em termos muito relativos, admito). Nos últimos estágios da campanha presidencial dos Estados Unidos de 2008, o colunista conservador David Brooks notou tristemente no *New York Times* que a cada três banqueiros (dos bancos de investimento) dois estavam a favor de Obama. No Reino Unido, os governos de Blair e Brown receberam o apoio de banqueiros da City. O que os altos apostadores e os novos democratas e novos trabalhistas têm em comum? Um desprezo comum pela sociedade industrial, com seu coletivismo proletário e seus valores burgueses do trabalho, da parcimônia e da moderação?

[18] Distrito financeiro de Londres [N.T.].

[19] Tett, G. “Lost through destructive creation”. *Financial Times*, 10/03/2009, p.11.

DESIGUALDADE, E DAÍ?

Certamente a desigualdade é um fato, e cada vez mais, mas e daí? Faz diferença se David Beckham ganha muito mais do que você? (Em certa ocasião, Tony Blair pareceu lançar esta questão como desculpa por ter deixado a desigualdade de renda intocada.)

Creio que isto importa, sim, porque a desigualdade é uma violação aos direitos humanos; a invocação do salário das celebridades é simplesmente um subterfúgio.

Poucos defenderiam a idéia de que seja decente uma sociedade que concede 28 anos a menos de vida às pessoas que vivem em bairros mais desfavorecidos (Calton, em Glasgow), do que àquelas que vivem em lugares privilegiados (Lenzie, em Glasgow, e Kensington e Chelsea, em Londres). É um argumento a favor da superioridade do capitalismo que a expectativa de vida dos homens na Rússia capitalista seja agora dezesseite anos menor do que em Cuba²⁰? Hierarquias de *status* social são, literalmente, letais. Por que aqueles nos degraus mais baixos de Whitehall deveriam ter uma probabilidade de morrer antes da aposentadoria quatro vezes maior do que aqueles nos degraus superiores? Os Estados Unidos — país mais rico do planeta e o mais desigual dentre os países ricos — têm a terceira maior taxa de pobreza relativa de todos os trinta países da OECD (seguido de México e Turquia). Tal pobreza relativa significa ser excluído de muitas instâncias da vida social e cultural de sua sociedade. Mas os Estados Unidos também não superaram as taxas de pobreza absoluta: os 10% mais pobres da população do país têm renda bem menor do que a da média dos pobres da OECD; e a renda deste grupo nos Estados Unidos é inferior àquela dos 10% mais pobres da Grécia²¹.

A transformação das finanças capitalistas em um imenso cassino global é o que criou a crise econômica atual, deixando centenas de milhares desempregados e levando a demandas por bilhões de libras dos contribuintes em ajuda financeira. No Sul, a crise mundial tem gerado mais pobreza, fome e morte. Não se pode mais justificar os efeitos do distanciamento descontrolado — se é que em algum momento eles foram justificáveis — pela referência à obsessão dos fãs com suas estrelas indulgentes.

O estiramento da distância social entre os mais pobres e os mais ricos diminui a coesão social, o que, por sua vez, gera mais problemas — tais como crime e violência — e menos recursos para lidar com outros problemas coletivos, da identidade nacional à mudança climática. A Europa ocidental — à leste das ilhas britânicas, à oeste da Polônia e ao norte do Alpes — é ainda a área menos desigual do mundo e tem níveis de coesão social relativamente altos. Para se ter uma experiência do poder pleno das desigualdades, deve-se olhar a violência e o medo de muitas cidades sul-africanas e latino-americanas.

[20] UNDP, *op. cit.*, Tabela 28.

[21] OECD. "Growing unequal?". OECD, 2008, p. 37.

O QUE PODE SER FEITO?

Recusando de saída o manto do político ou do profeta, há algumas poucas coisas que um acadêmico expatriado pode se arriscar a dizer.

A desigualdade global é, em grande medida, desigualdade de classe e étnica intra-estatal. Enquanto a desigualdade de renda de ponta a ponta ainda é regida pelas divisões dos Estados-nação, elas são atravessadas por demarcações de classe e étnicas. Conforme vimos, a desigualdade de expectativa de vida em Glasgow, em 2000, superava a disparidade que havia entre o Reino Unido e a África subsaariana nos anos de 1970. Ao comparar dados internacionais segundo a razão “de cima para baixo”, vemos que a razão entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres, em termos de PIB per capita médio, era de 39 em 2005. Contudo, grandes disparidades existem no interior das e entre as nações. No Brasil, no mesmo ano resultava em 48; no Chile, 40; na África do Sul, 33²². A “globalização” não é uma desculpa convincente para a desigualdade. Um nivelamento global requer que as forças populares, desfavorecidas, dos países desiguais sejam fortalecidas.

Existem mecanismos de igualdade — já testados —, assim como mecanismos de desigualdade. Então, aproximação é o oposto de distanciamento, seja ela alcançada por *catching up* ou por compensações. A China e a Índia são exemplos de *catching up* após recuperarem sua soberania nacional por volta de 1950 — um marco de rompimento mais contundente com o passado do que a virada em direção ao capitalismo guiado pelo Estado na China a partir de 1978 e a liberalização capitalista na Índia a partir de aproximadamente 1990. Ações afirmativas em benefício de determinadas castas e tribos na Índia, em benefício das mulheres, do sul da Ásia até o Atlântico Norte, e em benefício de afro-americanos nos Estados Unidos têm sido significativas em reduzir as desigualdades.

A inclusão trouxe as mulheres aos espaços públicos e aos mercados de trabalho em muitas regiões do globo. Recentemente, ela tem alterado os resquícios crioulos de algumas repúblicas ameríndias da América Latina, em especial na Bolívia e no Equador, embora derrotas tenham ocorrido na Guatemala, no Peru e em outros lugares. Mas a questão de como incluir as “nações originárias” nas comunidades políticas nacionais do século XXI permanece na agenda, do Chile ao Canadá. A União Européia também fez sua contribuição nesse sentido, com a inclusão de um Leste Europeu empobrecido na sua área de prosperidade.

Em retrospecto, o movimento dos administradores para além da hierarquia que começou nos anos de 1980 acabou levando, em termos de renda, ao desaparecimento do meio, com uma polarização maior entre os de cima e os de baixo, em vez de ter sido uma medida de

[22] Milanovic, B. “Even higher inequality than previously thought: a note on global inequality calculations using the 2005 international comparison program results”. *International Journal of Health Services*, 2008, vol. 38, n° 3, Tabela 2; UNDP, op. cit., Tabela 15.

nivelamento. Ganhos da informalização pós-hierárquica podem talvez ser esperados, mas não parece que estejam disponíveis evidências robustas nesse sentido.

Redistribuição e recompensação também são instrumentos poderosos para tratar a desigualdade. Dinamarca e Suécia são os países menos desiguais em termos de renda do mundo²³. O Estado de bem-estar dinamarquês gasta 28% do PIB em despesas sociais, o sueco, 31% e o Reino Unido, 20%²⁴. Porém, tanto a Dinamarca como a Suécia são muito dependentes do mercado mundial: a exportação de mercadorias representa 35% da renda nacional bruta dinamarquesa e 40% da sueca — comparadas a 17% no Reino Unido.

Aqueles que são pró-mercado talvez perguntem se esta igualdade e generosidade são sustentáveis no contexto do mercado mundial. A resposta irrefutável é sim. Por muitos anos, os países escandinavos alcançaram bons resultados tanto em competitividade como em igualdade. Eles consistentemente aparecem no topo dos Relatórios de Competitividade Global (junto com os Estados Unidos e a Suíça), do Fórum Econômico Mundial de Davos. Nas edições de 2006 a 2008, a Dinamarca classificou-se em terceiro lugar em competitividade global, e em 2007-2008 a Suécia ficou em quarto lugar, enquanto a Inglaterra do “novo trabalhismo” passou para nono lugar, depois de ter alcançado a segunda posição em 2006-2007²⁵.

Ainda que estas classificações combinadas devam sempre ser tomadas com ressalvas pelos observadores sérios, o sucesso recorrente dos países nórdicos no mundo capitalista (com a Finlândia no sexto lugar e a Noruega, rica em petróleo, em décima sexta posição entre 131 países) certamente significa que Estados de bem-estar generosos, relativamente igualitários, não devem ser vistos como utopias ou enclaves protegidos, mas como participantes muito competitivos do mercado mundial. Em outras palavras, mesmo nos parâmetros do capitalismo global, há muitos graus de liberdade para alternativas sociais radicais. E os efeitos literalmente letais da desigualdade tornam a sua procura imperativa.

GÖRAN THERBORN é professor de sociologia da Universidade de Cambridge.

[23] OECD, *op. cit.*, p. 52.

[24] OECD, “Society at a glance”. OECD, 2007.

[25] Schwab, K. e Porter, M. “The global competitiveness report 2007-2008”. World Economic Forum, 2007, Tabela 4.

Recebido para publicação
em 20 de maio de 2010.

NOVOS ESTUDOS

CEBRAP

87, julho 2010

pp. 145-156

publicações

Cadernos de Pesquisa
Estudos em Avaliação Educacional
Coleção Textos FCC



Fundação Carlos Chagas

www.fcc.org.br